



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
- PARFOR

SANDRO RAIMUNDO BELÉM DE ALBUQUERQUE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: MÉTODOS E INSTRUMENTOS
UTILIZADOS PELOS DOCENTES NO 1º CICLO DE ALFABETIZAÇÃO
NA E M E I F GLEBA PERNAMBUCO EM INHANGAPI-PA.**

**CASTANHAL-PA
2018**

SANDRO RAIMUNDO BELÉM DE ALBUQUERQUE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: MÉTODOS E INSTRUMENTOS
UTILIZADOS PELOS DOCENTES NO 1º CICLO DE ALFABETIZAÇÃO
NA E M E I F GLEBA PERNAMBUCO EM INHANGAPI-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de
Castanhal, como requisito para a obtenção do grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia sob a orientação do
Prof. Esp. Marcos Lobo de Azevedo.

**CASTANHAL-PA
2018**

SANDRO RAIMUNDO BELÉM DE ALBUQUERQUE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: MÉTODOS E INSTRUMENTOS
UTILIZADOS PELOS DOCENTES NO 1º CICLO DE ALFABETIZAÇÃO
NA E M E I F GLEBA PERNAMBUCO EM INHANGAPI-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de
Castanhal, como requisito para a obtenção do Grau de
Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação do
Prof. Esp. Marcos Lobo de Azevedo.

BANCA EXAMINADORA:

.....
Prof. Esp. Marcos Lobo de Azevedo
Especialista em Educação para as Relações Etnicorraciais - IFPA

.....
Prof. Msc. João Carlos Cunha Dergan
Mestre em Artes – ETDUFPA/ UFPA

.....
Prof. Esp. Olivaldo Favacho Barata
Especialista em Formação Docente na Amazônia II - UFPA

**CASTANHAL- PA
2018**

Dedico este trabalho à minha família, em especial minha mãe, Dona Fátima, minha esposa Thaís Tamara, meus filhos: Thaylor Samuel e Surya Thaina, em que estiveram presentes na minha trajetória acadêmica, colaborando e contribuindo quando necessário para o êxito desta caminhada. Dedico a vocês essa vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por conceder a realização de mais um sonho, pela sabedoria, paciência, pela minha saúde e força divina que sustentam a minha vida até o presente momento, agradeço à minha esposa Thaís Tamara pelo apoio e incentivo nos momentos de alegria, de luta e dificuldades durante esta trajetória.

Aos meus colegas de turma, que direta ou indiretamente contribuíram para essa vitória. Em especial, aos meus colegas de grupo, Maria de Fátima, Regiane Menezes, Tenilde Gusmão, Francisca Costa e Mônica Santiago. A vocês o meu muito obrigado.

Agradeço a toda minha família, meu pai, Domingos Albuquerque, minha irmã Sidlene Belém, meu irmão Sidney Belém e em especial minha mãe, Maria de Fátima Belém que sempre me incentivou a estudar e nunca desistir dos meus propósitos e sonhos. Obrigado mãe!

Agradeço a todos os professores e professoras que ao longo dessa trajetória, trouxeram reflexões e conhecimentos como forma de contribuição educacional.

Agradeço a todos os que sempre me deram força, coragem e incentivo e que fazem parte desta vitória.

Muito obrigado.

“Educação não transforma o mundo,
educação muda as pessoas. As
pessoas transformam o mundo”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O trabalho “Métodos e Instrumentos utilizados pelos docentes no 1º ciclo de alfabetização na E. M. E. I. F. Gleba Pernambuco em Inhangapi -PA” é um tema de suma importância no contexto escolar, principalmente no primeiro ciclo de alfabetização do ensino fundamental. Diante dessa importância, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os métodos e instrumentos que os professores da Escola Mun. Ens. Inf. e Fund. Gleba Pernambuco utilizam para realizar a avaliação da aprendizagem dos alunos do 1º ciclo de alfabetização. Os objetivos específicos são: conhecer como se dá a avaliação da aprendizagem no 1º ciclo de alfabetização e identificar que métodos e instrumentos de avaliação são utilizados pelos professores do primeiro ciclo de alfabetização. O trabalho consolidou-se por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada com os professores da referida escola dialogando com bases teóricas como: Jussara Hoffmann, Cipriano Luckesi, Celso Vasconcellos, Phillipe Perrenoud, dentre outros. Os resultados apontam que os métodos e instrumentos de avaliação utilizados pelos docentes no primeiro ciclo de alfabetização na E M E I F Gleba Pernambuco são as observações, atividades avaliativas e provas, mas que não são suficientes para acompanhar o desenvolvimento pleno dos educandos, pois segundo os autores citados no trabalho, os docentes precisam utilizar diversos instrumentos variados para obterem o diagnóstico, levando em consideração as diversidades na aprendizagem de cada educando. Entretanto, vale ressaltar que a avaliação ainda é um tema pouco discutido no âmbito da referida escola e que precisa ser trabalhado com formação continuada para os docentes.

Palavras Chaves: Avaliação. Aprendizagem. Métodos. Instrumentos. Prática. Pedagógica.

ABSTRACT

The work "Methods and Instruments used by teachers in the 1st cycle of literacy in E. M. E. F. Gleba Pernambuco in Inhangapi -PA" is a topic of great importance in the school context, especially in the first cycle of primary school literacy. Given this importance, the general objective of this research is to analyze the methods and instruments that the teachers of the Mun School. Ens. Inf. And Fund. Gleba Pernambuco use to evaluate the learning of the students of the 1st cycle of literacy. The specific objectives are: to know how the assessment of learning occurs in the 1st cycle of literacy and to identify which methods and instruments of evaluation are used by teachers of the first cycle of literacy. The work was consolidated through the application of a semistructured interview with the teachers of the mentioned school, dialoguing with theoretical bases such as: Jussara Hoffmann, Cipriano Luckesi, Celso Vasconcellos, Phillippe Perrenoud, among others. The results show that the evaluation methods and instruments used by teachers in the first cycle of literacy in EMEIF Gleba Pernambuco are observations, evaluative activities and tests, but they are not enough to accompany the students' full development. teachers need to use a variety of tools to obtain the diagnosis, taking into account the diversity in the learning of each learner. However, it is worth emphasizing that the evaluation is still an issue that is not very discussed within the scope of this school and that needs to be worked with continuing education for teachers.

Key Words: Evaluation. Learning. Methods. Instruments. Practice. Pedagogical.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa de localização do Município de Inhangapi – PA.....	39
FIGURA 02: Escola Municipal Ens. Inf. Fund. Gleba Pernambuco.....	39
FIGURA 03: Área interna da escola.....	39

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- Perfil dos Docentes Entrevistados.....	41
----------------------------------------------------------	----

LISTA DE SIGLAS

EMEIF- Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental.

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

SEA – Sistema de Escrita Alfabética.

SEMED – Secretaria Municipal de Educação.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - A LITERATURA A RESPEITO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	16
1.1- Diferentes conceitos, concepções e perspectivas de avaliação no campo escolar.....	16
1.2 – Métodos e instrumentos utilizados no processo de avaliação da aprendizagem.....	23
1.2.1 Atividades avaliativas a serem desenvolvidas dentro dos eixos do primeiro ciclo de alfabetização.....	29
1.2.1.1 Avaliação da leitura.....	29
1.2.1.2 A avaliação da produção textual.....	30
1.2.1.3 A oralidade nas aulas de língua portuguesa: como avaliar as competências discursivas dos alunos.....	32
1.2.1.4 Avaliando os conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética.....	33
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	36
2.1 Tipos de pesquisa	36
2.2 Técnica de pesquisa	37
2.3 Instrumento de coleta de dados.....	38
2.4 Caracterização do lócus	38
2.5 Sujeitos da pesquisa	40
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	56

INTRODUÇÃO

Algumas décadas atrás, no início do século XX, as práticas relacionadas à avaliação da aprendizagem eram voltadas para um modelo extremamente mecânico, onde os alunos eram estimulados somente em memorizar determinados conteúdos para fazer provas e testes classificatórios. Desse modo, destaca Teixeira (2003) quando diz que:

A avaliação induz a reproduzir, com o mínimo de variações possíveis, os conteúdos recebidos tal como eles foram dados em sala de aula ou como aparecem nos livros de textos. Em geral são empregadas mais perguntas fechadas que da elaboração, o que faz com que o aluno estude de forma mecânica e reprodutiva, tentando fixar e memorizar os conteúdos aprendidos (TEIXEIRA, 2003, p.54).

Atualmente, a avaliação da aprendizagem é um tema bem discutido pelos estudiosos e professores em reuniões, seminários e congressos, por ser uma prática bastante complexa. Haja vista que a concepção tradicional de avaliar, ainda perpassa nas salas de aulas das escolas do Brasil e do mundo. Desse modo, os professores se limitam a poucos instrumentos para avaliar e às vezes se preocupam apenas com a nota do aluno para suprir questões burocráticas do sistema de ensino, tornando o sentido da avaliação como classificatório e excludente e deixam de lado a verdadeira função da avaliação nos dias atuais.

De acordo com Luckesi (2002), a avaliação da aprendizagem deverá ser assumida como:

Um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. [...] a avaliação não seria tão-somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a aprendizagem. Se um aluno está defasado não há que, pura e simplesmente, reprová-lo e mantê-lo nesta situação (LUCKESI, 2002, p.81).

Neste sentido, entende-se que a avaliação da aprendizagem consiste na ação diagnóstica, formativa e mediadora, pois possibilitará ao professor verificar a aprendizagem do aluno, levando em consideração as dificuldades e ritmos de cada um para assimilar um determinado conteúdo. Dessa forma, o docente contribuirá

significativamente no processo de ensino e aprendizagem na construção do conhecimento.

Este estudo associa-se a essa discussão constituindo mais uma possibilidade analítica, dentre outras, que o bojo das discussões sobre a avaliação da aprendizagem, busca compreendê-la por meio de seus mais importantes aspectos, dessa forma, a investigação tem como **tema**: “métodos e instrumentos utilizados pelos docentes no 1º ciclo de alfabetização na E M E I F Gleba Pernambuco em Inhangapi - PA”.

O interesse em investigar o referido objeto “avaliação da aprendizagem”, surgiu a partir de observações e relatos de alunos que veem a avaliação de forma excludente, pois começam a estudar normalmente e quando chega o período da avaliação, sentem-se com medo de serem submetidos a provas difíceis e acham que não são capazes de fazê-las. Segundo Luckesi (2002) “a atual prática da avaliação escolar tem estado contra a democratização do ensino, na medida em que não tem colaborado para a permanência do aluno na escola e a sua promoção qualitativa”. (LUCKESI, 2002, p. 66).

Outro motivo que me levou ter interesse pelo tema “avaliação da aprendizagem” foi o enorme índice de retenção nos últimos anos, ao final do 1º ciclo de alfabetização, ou seja, no 3º ano, principalmente nas escolas do campo no município de Inhangapi - PA. E a Escola M E I F Gleba Pernambuco também foi alvo desse fenômeno de reprovação no final do ciclo, ou seja, aglomerando no ano seguinte, uma quantidade enorme de alunos no 3º ano. Muitas indagações e questionamentos foram feitos em saber o que causou tanta repetência ao final do ciclo como: Será que foi culpa dos alunos por não absorverem o conhecimento transmitido pelos docentes ou não prestarem atenção nas aulas? Ou foi dos professores por não utilizarem critérios de avaliação, recursos metodológicos e instrumentos adequados no processo de avaliação da aprendizagem?

De acordo com pesquisa bibliográfica realizada em livros, artigos científicos e outras na internet, a avaliação da aprendizagem ainda é vista de forma classificatória e excludente na qual os educandos são incentivados apenas a memorizar e fazer a prova no final do bimestre, muitas vezes sem compreender de fato o conteúdo abordado. Desse modo, o aluno precisa entender que ele faz parte do processo, ou

seja, “[...] sentir sujeito de sua própria avaliação; ele não pode sentir a avaliação como um processo do professor em relação ao qual ele se coloca de fora” (TEIXEIRA, 2003, p.59). Nesse sentido, será de suma importância investigar os procedimentos metodológicos e instrumentos que os professores da escola em questão utilizam para avaliar os educandos, pois poderá ser um dos motivos que contribui na retenção da maioria dos alunos no final do 1º ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental.

A pesquisa em questão será de suma importância para a academia, pois possibilitará aos futuros pedagogos repensar sobre o processo de avaliação da aprendizagem no que tange aos procedimentos metodológicos como critérios e instrumentos. Nesse sentido, refletir, discutir, questionar e investigar faz parte da construção de um novo modelo de avaliar, quebrando o paradigma tradicional que ainda perpassa no âmbito educacional.

Pesquisar sobre os métodos e instrumentos de avaliação contribuirá de maneira significativa para a sociedade, pois facilitará aos docentes e futuros pedagogos do município de Inhangapi, e principalmente na Escola em questão, ter uma nova visão do que é o processo de avaliação.

O estudo trará contribuições significativas à dimensão pessoal e profissional do pesquisador, uma vez que ajudará a compreender melhor um novo modelo de avaliação da aprendizagem, contribuindo com os colegas da escola por meio de palestras, cursos, etc.

Assim, para conduzir o processo investigativo, elaborou-se duas questões norteadoras, a saber: Quais são os métodos e instrumentos de avaliação utilizados pelos professores do primeiro ciclo de alfabetização? Os métodos e instrumentos de avaliação estão adequados para o primeiro ciclo de alfabetização?

A presente temática tem como objetivo geral analisar os métodos e instrumentos que os professores da Escola Mun. Ens. Inf. e Fund. Gleba Pernambuco utilizam para realizar a avaliação da aprendizagem dos alunos do 1º ciclo de alfabetização. E como objetivos específicos, conhecer como se dá a avaliação da aprendizagem no 1º ciclo de alfabetização; Identificar que métodos e instrumentos de avaliação são utilizados pelos professores do primeiro ciclo de alfabetização.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo descreve-se sobre a literatura acerca da avaliação da aprendizagem; os diferentes conceitos, concepções e perspectivas de avaliação no campo escolar; métodos e instrumentos utilizados no processo de avaliação da aprendizagem; atividades avaliativas a serem desenvolvidas dentro dos eixos do primeiro ciclo de alfabetização; avaliação da leitura; a avaliação da produção textual; a oralidade nas aulas de língua portuguesa: como avaliar as competências discursivas dos alunos?; avaliando os conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética.

No segundo capítulo trata-se sobre a metodologia onde aborda-se o tipo de pesquisa; técnica de pesquisa; instrumento de coleta de dados; caracterização do lócus e sujeitos da pesquisa.

No terceiro capítulo apresenta-se os resultados e discussões da pesquisa e finaliza-se com as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - A LITERATURA A RESPEITO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

1.1 Diferentes Conceitos da Avaliação da Aprendizagem na Concepção de Hoffmann, Luckesi, Vasconcellos e Perrenoud.

A avaliação da aprendizagem é uma temática que precisa ser priorizada em diversos eventos acadêmicos, debates, seminários, reuniões e outros, por se tratar de um processo de suma importância no que tange o ensino e aprendizagem dos educandos. Nesse sentido, com a finalidade de distinguir um pouco mais sobre a importância da avaliação, buscam-se na literatura alguns conceitos e concepções a respeito da temática avaliação da aprendizagem que serão expostos a seguir.

A avaliação da aprendizagem é parte integrante do processo ensino/aprendizagem. Esta prática pedagógica requer preparo, técnica e grande capacidade de observação dos profissionais envolvidos, de acordo com Vasconcellos (2006), a atribuição para a avaliação da aprendizagem pode ter, a princípio, várias respostas como diz:

Para a pergunta “avaliar para que?”, podemos encontrar uma gama enorme de respostas. Avaliar para: atribuir nota, registrar, mandar para a secretaria, cumprir a lei, ter documentação para se defender em caso de processo, verificar, constatar, medir, classificar, mostrar autoridade, conseguir silêncio em sala de aula, selecionar os melhores, discriminar, marginalizar, domesticar, rotular/estigmatizar, mostrar quem é incompetente, comprovar o mérito individualmente conquistado, dar satisfação aos pais, não ficar fora da prática dos outros professores, ver quem pode ser aprovado ou reprovado [...], diagnosticar, investigar, tomar decisões, acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno (VASCONCELLOS, 2006, p. 55-56).

Diante de várias respostas sobre “para que avaliar”? Podem-se considerar as que estão relacionadas com a proposta pedagógica da escola que os educandos estão inseridos, ou seja, entender o que a escola pretende avaliar diante das relações estabelecidas do ensino e aprendizagem, aproveitar os métodos de avaliação que possam contribuir na formação do cidadão.

Desta forma, se faz necessário entender e analisar as relevâncias do processo avaliativo para que a partir das reflexões possa questionar e transformar as ações, pois para Hoffmann (1995, p.17), a avaliação é a “[...] reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento”. Por esse motivo, busca-se a concepção e compreensão na literatura do que é a avaliação da aprendizagem para

que se possa ter uma ampla visão e conhecimento a respeito da mesma. Desse modo, serão mencionados alguns autores que conceituam o que entendem sobre a temática.

A avaliação da aprendizagem na escola, segundo Luckesi (2002), tem dois objetivos: O primeiro é “auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem” e o segundo “responder a sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado” (LUCKESI, 2002, p. 174). Ainda para o autor:

De um lado, a avaliação da aprendizagem tem por objetivo auxiliar o educando no seu crescimento e, por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos (conhecimentos, habilidades, hábitos, convicções). Por outro lado, a avaliação da aprendizagem responde a uma necessidade. A escola recebe o mandato social de educar as novas gerações e, por isso, deve responder por esse mandato, obtendo dos seus educandos a manifestação de suas condutas aprendidas e desenvolvidas. O histórico escolar de cada educando é o testemunho social que a escola dá ao coletivo sobre a qualidade do desenvolvimento do educando (LUCKESI, 2002, p. 174).

Com isso, entende-se que para Luckesi (2002), o primeiro objetivo está relacionado apenas ao desenvolvimento pessoal e intelectual do educando, ou seja, a avaliação desenvolve uma dinâmica de contribuir no processo de ensino e aprendizagem, fornecendo e atribuindo conhecimentos que são de suma importância para seu crescimento como cidadão na sociedade. O segundo objetivo tem uma relação com o meio social que o educando se encontra, ou seja, a escola tem uma função primordial na construção da identidade do indivíduo, pois é lá que o mesmo aprende os conteúdos das disciplinas, desenvolve o intelectual, o raciocínio lógico e outras habilidades que o educando necessita para o pleno desenvolvimento educacional.

Um dos conceitos que o autor retrata em suas obras é a avaliação diagnóstica, Luckesi (2002, p. 172-173) diz:

A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz a exclusão). O diagnóstico tem por objetivo aquilatar coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construindo.

Nesse sentido, entende-se que a avaliação precisa ter relação com o ato de incluir o educando no sistema de ensino, uma vez que diagnosticar é saber quais as habilidades e dificuldades encontradas para ter um acompanhamento mais significativo que possa contribuir na aprendizagem. Desse modo, a prática de seleção na avaliação por meio de um único instrumento avaliativo como as provas, contribui para a exclusão do aluno, pois se não tirar uma nota boa em uma determinada prova, poderá ser retido ao final do ano letivo e com isso contribui na evasão escolar, pois situações como essas, são caracterizadas como exclusão escolar. “O aluno desiste, muitas vezes, quando percebe que será reprovado” (HOFFMANN, 2010, p. 15). Ainda a autora, ressalta que:

A verdade é que tal sistema classificatório é tremendamente vago no sentido de apontar as falhas do processo. Não aponta as reais dificuldades dos alunos e dos professores. Não sugere qualquer encaminhamento, porque discrimina e seleciona antes de tudo. Apenas reforça a manutenção de uma escola para poucos (HOFFMAN, 2010, p. 24-25).

Desse modo, avaliar é planejar situações da aprendizagem, é necessário avaliar o desenvolvimento dos educandos, deve-se organizar no início do processo situações em que possa detectar quais os conhecimentos o educando já sabe no momento que é apresentado um novo conteúdo. Essa investigação é importante porque lhe permite saber de onde vai partir a aprendizagem que se espera.

A avaliação serve para verificar se os alunos estão de fato aprendendo com situações propostas, e o que ocorre no cotidiano da sala de aula, avalia as ações dos alunos e com base nelas, fazer suas intervenções. Registrar os avanços e deficiências (dificuldades), verificar a aprendizagem como um todo, levando em consideração as diferenças individuais. O professor deve pensar bem antes de avaliar, pois é um processo árduo, que deve ser planejado e ter um olhar clínico sobre a aprendizagem de cada educando.

Hoffmann (2010) retrata a avaliação da aprendizagem como avaliação mediadora que trabalha o individual do educando, levando em consideração a cultura, costumes, família e outras relações sociais ao qual está inserido, pois diante disso, Hoffmann (1998, p. 40) retrata que “nenhum juízo isolado ou parcial sobre o aluno poderá ser considerado como absoluto ou definitivo [...]”. Nesse sentido, compreende-se que esses conhecimentos prévios que o aluno traz de casa, pode ser um começo na busca de novos conhecimentos, além do que já sabem. Desse

modo, a escola contribui de maneira significativa na aprendizagem do aluno, pois favorece oportunidades para que o mesmo torne-o sujeito da sua própria história.

A avaliação da aprendizagem é de suma importância no processo educacional, pois compreende como os educandos estão avançando e que a aprendizagem está de fato acontecendo, mas para que isso se constitua de modo satisfatório, podem-se observar os métodos e instrumentos de avaliação que são utilizados nos diversos sistemas de ensino.

O modelo de exames escolares hoje praticados foi sistematizado no decorrer do século XVI, com o nascimento da escola moderna, caracterizada pelo ensino simultâneo, em que um professor sozinho ensina, ao mesmo tempo, a muitos alunos. [...] Nesses quatrocentos anos, nós educadores nem nos perguntamos se essa é a melhor forma de acompanhar e orientar o aprendizado dos nossos alunos; simplesmente, exercitamos essa prática (LUCKESI, 2002, p. 5).

O autor retrata que o sistema de avaliação realizado nas escolas atualmente, é resultado de uma prática utilizada a mais de 400 (quatrocentos) anos atrás, onde precisava utilizar exames e provas pra saber se o aluno estava aprendendo ou não, de modo que era somente esse modelo de instrumento usado, pois segundo Luckesi (2002), antes do século XVI, era um professor para cada dois ou três alunos no máximo e isso era considerado de suma relevância para um bom processo ensino aprendizagem. Nesse sentido, entende-se que após o século XVI, as escolas passaram a ter muitos alunos para um único professor em sala de aula, como se tem nos dias atuais, porém precisa-se entender e questionar se esse modelo de ensino é considerado adequado para ter uma educação de qualidade.

Diante disso, mesmo com os grandes avanços no que se refere à avaliação da aprendizagem dos educandos, a discussão traz consigo questões históricas que ainda perpassa nos métodos de avaliação de diversas escolas do Brasil, e isso é considerado preocupante, pois estão relacionadas com um modelo de avaliação em que os instrumentos provas e exames ainda imperam e que o educando acaba sendo penalizado pelas ações que o sistema de ensino hierarquiza para promover o aluno por meio destes únicos instrumentos para obtenção de notas que tanto o sistema de ensino exige.

A avaliação da aprendizagem possui alguns conceitos, como o que preconiza a avaliação formativa, onde segundo Perrenoud (1998):

Proponho considerar como formativa toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino. Essa ampliação corre o risco, de um ponto de vista prescritivo, de fazer com que a ideia de avaliação formativa perca seu rigor. Na perspectiva descritiva que aqui adoto, essa ampliação autoriza a dar conta das práticas correntes de avaliação contínua sob o ângulo de sua contribuição almejada ou efetiva para a regulação das aprendizagens durante o ano escolar (PERRENOUD, 1998, p.03).

O autor relata que para a avaliação da aprendizagem ser formativa, precisa-se entender a real necessidade de cada educando, acompanhando o desenvolvimento pleno durante o ano letivo e intervindo quando houver necessidade. Nesse sentido, avaliar requer uma abordagem significativa de conhecimento sobre o que vai ser levado em consideração quando a avaliação acontece, pois se precisa entender por parte do sistema e escola de modo geral que a avaliação precisa ser desatrelada do modelo tradicional de avaliar o aluno, usar exames e provas como únicos instrumentos, que foram utilizados há 400 anos.

Não podemos ser revolucionários e dizer que nos dias atuais as escolas do Brasil não usam mais o modelo de avaliação tradicional e utilizam métodos e instrumentos que não estão de acordo com as políticas pedagógicas das escolas, de alguma forma, ainda trazem consigo vestígios do modelo de avaliação que visa à seletividade, ou seja, se o aluno é estudioso, presta atenção nas aulas e tira notas excelentes, é aprovado e aquele que não consegue aprender, não participa das atividades proposta pelo professor e quando participa, não demonstra comprometimento com o grupo de estudo, é reprovado ou retido.

Dessa forma, a avaliação é vista como momento de intimidar de alguma forma o aluno, prejudicar por ser um aluno que não quer buscar o aprendizado que necessita para progressão educacional, ou seja, as aulas não chamam a atenção e muito menos os métodos e instrumentos que o professor utiliza para fazer a avaliação.

Diante do exposto, considero de suma importância que as escolas dêem mais prioridade e suporte pedagógico para os professores no sentido de que a avaliação da aprendizagem se torne um momento de intervenção e construção do conhecimento dos educandos e não um momento de medo e angústia, haja vista que os alunos poderão não tirar uma boa nota, se os únicos instrumentos de avaliação utilizados pelos professores consistirem em provas e exames.

De acordo com Perrenoud (1998, p. 04):

É formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo. Tal é à base de uma abordagem pragmática. Importa claro, saber como a avaliação formativa ajuda o aluno a aprender, por que mediações ela retroage sobre os processos de aprendizagem. Todavia, no estágio da definição, poucos importam as modalidades: a avaliação formativa define-se por seus efeitos de regulação dos processos de aprendizagem. Dos efeitos buscar-se-á a intervenção que os produz e, antes ainda, as observações e as representações que orientam essa intervenção.

De acordo com o autor, a avaliação formativa necessita está atrelada às condições que o sistema de ensino atribuem como conceito de aprendizagem, ou seja, a escola precisa dar condições e acompanhar o educando na formação, contribuindo para que a aprendizagem aconteça de modo significativo, procurar conhecer as necessidades e limitações dos educandos, intervindo quando for necessário. “Uma avaliação formativa coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas, sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e as aquisições dos alunos” (PERRENOUD, 1998, p.10).

Para Vasconcellos (2006, p. 54).

Podemos imaginar um dia em que não haja mais nota na escola ou qualquer tipo de reprovação, mas certamente haverá necessidade de continuar existindo avaliação, para se acompanhar o desenvolvimento dos educandos e ajuda-los em suas eventuais dificuldades. Fala-se muito da prova, mas ela é apenas uma das formas de se gerar nota, que, por sua vez, é apenas uma das formas de se avaliar. Assim podemos atribuir nota sem ser por prova, bem como podemos avaliar sem ser por nota.

Diante do exposto, pode-se perceber que a avaliação não é sinônimo de reprovação e muito menos, que a avaliação deixará de existir nos sistemas de ensino quando as provas e exames, para obtenção de notas, forem extintas dos instrumentos de avaliação. Neste sentido, considera-se a avaliação como um fator de grande relevância no acompanhamento do educando, pois avaliar requer conhecer as dificuldades encontradas pelo educando e contribuir na construção do conhecimento, intervindo e dando possibilidades para o progresso educacional.

Porem percebe-se que os educadores, muitas vezes, estão preocupados em achar uma maneira de punir o aluno desobediente e bagunceiro na sala de aula por meio da avaliação, “o educador não pode se deixar levar pela lógica do detetive, estar mais preocupado em verificar quem cometeu um crime, do que em ajudar na

construção do conhecimento” (VASCONCELLOS, 2006, p. 54). Desse modo, compreende-se que o educador, às vezes, necessita conhecer o verdadeiro sentido da avaliação da aprendizagem, levar a entender o que pode contribuir no processo que poderá garantir a sua permanência nas instituições de ensino sem ter obstáculos pela frente como os modelos de avaliação catalogadas somente em provas e exames.

A avaliação ainda é vista como um instrumento de controle sobre o aluno, ou seja, percebem-se algumas expressões ditas por professores: “se você fizer raiva durante as aulas, pagará durante o período de avaliação, pois vou me vingar e passar uma prova bem difícil”. Desse modo, os educandos veem a avaliação como castigo e isso implica no processo de aprendizagem dos mesmos, pois ficam preocupados em não tirar uma nota satisfatória e impossibilitar que avancem para o próximo ano, nesse sentido, a avaliação que deveria ser um meio de acompanhamento do processo educacional, acaba tornando-se um fim do objeto deste processo, na prática dos alunos e da escola, é o famoso “estudar pra passar”.

Diante de todo esse estudo, pode-se observar que a concepção de avaliação da aprendizagem escolar, não irá mudar da noite para o dia, ou seja, muitos debates, estudos e questionamentos são realizados constantemente por profissionais da educação. Dessa forma, as escolas buscam desenvolver ações que estão relacionadas com os métodos e instrumentos mais recentes e que visam o acompanhamento dos educandos, mas acabam desestruturados pelo meio do caminho, pois não é fácil se desatrelar dos instrumentos de avaliação mais utilizados pelos sistemas de ensino, como as provas e exames. Mas para isso acontecer, precisa-se partir do chão da escola, entender de fato o que a escola necessita, Vasconcellos (2006, p. 25) ressalta que:

A mudança não se dá de uma vez (tudo e já); vemos a necessidade de passos pequenos, assumidos coletivamente, mas concretos e na direção certa, desencadeando um processo de mudança com abrangência crescente: sala de aula, escola, grupo de escolas, comunidade, sistema de ensino, sociedade civil, sistema político, país, etc. trata-se de uma luta da educação, mas articulada a outras frentes e setores da sociedade: desde novas práticas na escola, passando por mudanças de legislação, até a construção de uma nova sociedade.

1.2 - Métodos e instrumentos utilizados no processo de avaliação da aprendizagem.

O processo de avaliação da aprendizagem escolar perpassa por várias instâncias que denominam e conceituam como esse procedimento acontece nas unidades escolares em cada período, tornando momentos históricos. Ao avaliar, o educador necessita usar métodos e instrumentos diversificados para se ter um diagnóstico considerável, saber o que os educandos conhecem sobre o tema abordado e qual caminho trilhar acerca dos conhecimentos prévios trazidos por eles para dentro da escola. Porém, vem à pergunta, quais os melhores métodos e instrumentos que podem ser utilizados para que esse acompanhamento da aprendizagem dos educandos aconteça de forma integral?

Durante o processo de ensino e aprendizagem, uma das inquietações que o sistema de ensino, os professores e principalmente, pais de alunos se preocupam são com a aquisição da leitura e escrita, ou seja, exigem da escola e do próprio professor que seus filhos aprendam o mais breve possível a ler e escrever. Sendo assim, se o aluno não adquire o domínio da leitura nas séries iniciais, considerada o período de alfabetização, apresentará problemas em avançar no processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, alguns autores e estudiosos trazem contribuições, resultados de pesquisas relacionadas a esse tema que são de suma importância no avanço do processo educacional. Soares (2004, p. 98) ressalta que:

Assim, pode-se dizer que até os anos 80 a alfabetização escolar no Brasil caracterizou-se por uma alternância entre métodos sintéticos e métodos analíticos, mas sempre com o mesmo pressuposto – o de que a criança, para aprender o sistema de escrita, dependeria de estímulos externos cuidadosamente selecionados ou artificialmente construídos – e sempre com o mesmo objetivo – o domínio desse sistema, considerado condição e pré-requisito para que a criança desenvolvesse habilidades de uso da leitura e da escrita, isto é, primeiro, aprender a ler e a escrever, verbos nesta etapa considerados intransitivos, para só depois de vencida essa etapa atribuir complementos a esses verbos: ler textos, livros, escrever histórias, cartas, etc.

Dessa forma, compreende-se ao longo da história do ensino da língua escrita no início da escolarização revela que, até os anos 80, o objetivo maior era a alfabetização, isto é, destacava basicamente a aprendizagem do sistema convencional da escrita, pois entendia que o método de aquisição da leitura e escrita, se oferecia obedecendo ao uso das letras, sílabas e palavras, ou seja, iniciava-se a aprendizagem das unidades menores da língua, sendo considerados os fonemas, as sílabas, apontando em direção às unidades maiores que são as

palavras, frases e posteriormente, os textos (método fônico, método silábico). Diante disso, entende-se que não era suficiente para os alunos adquirir um conhecimento mais amplo, porque iam somente decodificar as palavras, tornando a aprendizagem sem sentido algum, pois a leitura é entendida como um conjunto de informações que é assimilada do que está vivenciando, considerando os costumes, o meio cultural ao qual está inserido.

Diante dessa fragilidade, surge o método analítico, segundo o qual a alfabetização deve, ao contrário, partir das unidades maiores e portadoras de sentido – a palavra, a frase, o texto – em direção às unidades menores (método da palavração, método global). Pode-se afirmar que ambos os métodos, tanto sintético, como analítico estão a serviço da alfabetização, já que trazem consigo um caminho a trilhar para que o professor possa desempenhar um bom ensino e aprendizagem dos alunos. Desse modo, cada escola opta por um método ou trabalha os dois métodos, dependendo da sua proposta pedagógica ou o que está exposto no PPP- Projeto Político Pedagógico da unidade de ensino.

Em meados dos anos 80, com a necessidade e entendimento de que a alfabetização deveria revelar outras habilidades, conhecimentos, e que precisava superar o simples domínio do sistema alfabético e ortográfico, surgiu o “letramento”. Dessa forma, letramento é “entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais” (SOARES, 2004, P. 97). Vale ressaltar que esses processos de alfabetização e letramento são entendidos como características distintas, indissociáveis e independentes, embora sejam extremamente confundida umas com as outras.

Distingue-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, P. 97).

Nesse sentido, a alfabetização e letramento são dois processos extremamente importantes para o desenvolvimento da aprendizagem em leitura e escrita, ou seja, o letramento não existiria por si só, afinal, alfabetizar letrando é o

melhor caminho para que o aluno tenha uma aprendizagem completa e que o ato de ler e escrever possa fluir de forma natural e espontânea.

Nos últimos anos, devido ao alto índice de reprovação ao final da primeira série do ensino fundamental, foi criado o sistema de progressão por ciclos de aprendizagem, neste sentido, os educandos teriam três anos, ou seja, do 1º ao 3º ano para serem alfabetizados. Dessa forma, não seriam reprovados ao final do 1º e do 2º ano e somente ao final do ciclo, no 3º ano. Pode-se dizer que os métodos utilizados para avaliar os educandos precisam está de acordo com a proposta do ciclo.

De acordo com o material do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:

A avaliação dos estudantes para a identificação de seu nível de conhecimento a respeito de determinado problema ou área do conhecimento não deve ser feita nos finais dos períodos letivos, mas durante todo o processo de aprendizagem. Avaliar continuamente o desenvolvimento dos estudantes é parte importante desse trabalho de análise do processo pedagógico (BRASIL, 2012, p. 38).

Diante do exposto, entende-se que o processo de avaliação precisa acontecer durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não somente ao final de cada bimestre como acontece em várias instituições de ensino. Desse modo, considera esse modelo de avaliação como classificatória, ou seja, o objetivo é somente verificar se o educando conseguiu aprender ou não e a partir daí, atribuir uma nota ou conceito e mais nada. Esse tipo de procedimento é percebido como modelo tradicional, pois simplesmente é usado como instrumentos de avaliação os testes e provas para classificar e promover o aluno, sem a preocupação de saber qual o real motivo que este não conseguiu aprender, sem intervir para que o aprendizado aconteça de forma integral.

Hoffmann (2000, p.56), afirma que:

O teste é um instrumento de investigação sobre a ação de ambos os sujeitos envolvidos no processo educativo: aluno e professor. Considerando essa perspectiva do teste, o que se pretende é a formulação de hipóteses sobre a produção conjunta de conhecimento: qual o significado de determinadas respostas dos alunos nesse momento do processo de aprendizagem? Como partir do conhecimento produzido até esse momento para auxiliar o aluno a ir além, ampliar o seu saber?

O que se pretende entender é que a investigação parte do princípio de que o educando e educador são os principais sujeitos no processo de avaliação da aprendizagem. O educador precisa entender o que o aluno propôs com uma determinada resposta nos testes e como ele pode interpretar essa resposta. Nesse sentido, entende-se que às vezes os alunos respondem determinados questionários, testes e provas como ele consegue enxergar determinadas respostas que os educadores não levam em consideração, ou seja, os que eles querem ver nas respostas são simplesmente as que eles esperam nos gabaritos, como se o pensamento dos alunos fosse o mesmo, e que para acertar as perguntas e respostas deveriam estar todas idênticas.

Ainda para a autora:

As decisões sobre aprovação/reprovação de estudantes fundamentam-se, perigosamente, nas notas atribuídas aos testes, sem a interpretação de suas respostas. O que denuncia uma visão de conhecimento positivista e uma concepção de avaliação sentenciosa. Testes únicos, provas finais, notas irrecorríveis são situações que exemplificam a compreensão equivocada do uso do teste e da medida conivente a uma definição de avaliação como julgamento de resultados (HOFFMANN, 2000, p.57).

Desse modo, a autora ressalta que a aplicação de testes e provas, não traz uma definição do que realmente a avaliação requer, pois o que os educandos respondem nos únicos instrumentos utilizados pelos educadores não trazem contribuições para o progresso na construção do conhecimento do indivíduo. As provas e testes são resultados de uma conduta de avaliação, que estão atrelados ao resultado dos testes feito pelo educando, ou seja, verificação de quem conseguiu aprovar e reprovar. Desse modo, são métodos que não tem uma progressão de desenvolvimento como fator primordial para obter resultados.

Ao avaliar a aprendizagem do educando, o educador necessita utilizar métodos diversos e instrumentos variados, para que se possa diagnosticar o começo, o durante e o fim de todo o processo avaliativo, pois a partir de então é possível avançar no processo didático, e retomar o que foi insatisfatório para o processo de aprendizagem dos educandos.

Os instrumentos de avaliação considerados tradicionais como testes e provas, são constantemente questionados, as opiniões que se formam vão desde a sua indispensável utilização à sua total abolição, ou seja, sua utilização por diversos

educadores é imprescindível para a realização da avaliação, mas por outro lado, seria importante eliminar esses instrumentos do processo de avaliação da aprendizagem escolar. Dessa forma, precisa-se ter a noção de fato que todo instrumento de avaliação é considerado restrito, pois não consegue identificar as habilidades e competências desenvolvidas pelo educando de modo absoluto. Por isso, Antunes (2006) recomenda que a avaliação seja produto de observação contínua, com o uso de múltiplos componentes, para que o professor realmente tenha noção do que o aluno aprendeu.

A intencionalidade da avaliação deve ser considerada, pois os instrumentos revelam os objetivos de sua utilização, o professor que verifica o quanto o aluno aprendeu apenas para elaborar dados estatísticos de sua turma (hierarquizar os alunos mediante suas notas) possui uma intenção. Ideia contrária possui o professor que deseja saber o que o aluno aprendeu, a fim de planejar atividades que atendam adequadamente às necessidades de cada aluno, evidencia-se assim, que as intencionalidades, mais que os instrumentos, devem ser objeto de discussão.

A participação do aluno no processo de avaliação pode ser maior que a simples interpretação de suas respostas especificadas nos instrumentos formais. Ela pode ser ampliada e estendida à co-participação, como por exemplo, na definição de objetivos.

Na perspectiva da avaliação formativa, vários procedimentos de avaliação têm sido utilizados, a fim de valorizar a produção do estudante. O portfólio, procedimento de avaliação que permite aos alunos participarem da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu próprio progresso é um bom exemplo de respeito à trajetória que o aluno percorre na escola. Usando esse instrumento avaliativo o aluno tem a possibilidade de escolher as atividades mais significativas para ele, a partir de uma auto avaliação do trabalho desenvolvido e da mediação do sentimento de competência (VILLAS BOAS, 2004).

O uso do portfólio possui diversos pontos positivos, dentre eles destaca-se o fato de beneficiar qualquer tipo de aluno que, assim, pode apresentar seus trabalhos por meio de outras linguagens, conforme argumenta Villas Boas (2004). Além disso, o uso desse instrumento de avaliação permite ao aluno assenhorear-se de sua produção, tendo condições de observar sua evolução durante certo período

avaliativo, tirando o poder controlador da avaliação das mãos do professor. A avaliação assume efetivamente um caráter de aprendizagem e não apenas de medida, como ocorre na avaliação classificatória.

Os professores nem sempre utilizam variados instrumentos avaliativos, mais especificamente, usam na maioria das vezes a aplicação de provas, para verificar uma prévia de conhecimentos dos educandos, alegando ser um elemento motivador da aprendizagem, ou seja, o professor utiliza-se dos instrumentos como um fator negativo de motivação quando os mesmos passam a ser prioridade na educação. Propõe-se então, que ao aplicar um instrumento avaliativo, o professor direcione as questões de acordo com o conteúdo aplicado durante suas aulas, planejando, intervindo e reinvestindo até que se chegue aos resultados esperados, abordando o que é essencial para a aprendizagem dos educandos.

É importante ressaltar que o professor deve recorrer aos instrumentos de avaliação, mapeando o que deseja saber sobre a aprendizagem dos educandos, pois isto o ajudará na coleta de dados, na correção do próprio instrumento avaliativo proposto por ele, bem como na leitura dos resultados, levando em consideração a importância de manter o educando informado quanto ao seu desempenho, seus esforços e avanços no decorrer do processo de ensino. Com isso, avaliar é definir o grau de uma realização, revelando uma conduta a quantia de conhecimento já adquirida e a que falta adquirir.

[...] oportunizar na prática docente momentos em que diferentes aspectos sejam avaliados é fundamental. Para isso, o professor pode utilizar diferentes instrumentos que possam identificar os conhecimentos e habilidades já alcançadas pelos estudantes e o que eles ainda precisam dominar, bem como, as dificuldades encontradas nesse percurso, lembrando sempre de considerar as especificidades de cada criança, garantindo, assim, a progressão entre os anos do ciclo de alfabetização (BRASIL, 2012, p. 67).

Sendo assim, os docentes não precisam adotar um único instrumento de avaliação, haja vista que as habilidades e competências dos discentes estão atribuídas em diferentes aspectos de desenvolvimento e para que tenha um diagnóstico total da aprendizagem, precisa-se assumir e utilizar diferentes instrumentos para ter um diagnóstico completo do aluno. “nem sempre é possível avaliar ao mesmo tempo todas as habilidades, entretanto é importante que o

professor planeje e garanta momentos para diagnosticar os estudantes” (BRASIL, 2012, p. 67).

1.2.1 Atividades avaliativas a serem desenvolvidas dentro dos eixos do primeiro ciclo de alfabetização.

De acordo com o material do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, observou-se que o próprio professor é responsável pela avaliação dos alunos, ou seja, é ele que pode perceber suas necessidades, diagnosticar e avançar no processo ensino e aprendizagem. Mas para que isso ocorra de modo significativo, precisa ter clareza sobre quais são seus objetivos de ensino, e como avaliar, se os conhecimentos e as habilidades ainda estão sendo apropriados pelos estudantes.

Dessa forma, o referido material apresenta reflexões sobre os quatro eixos do ensino da Língua Portuguesa: Leitura, Escrita, Oralidade e Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), exemplificando por meios de instrumentos de avaliação para cada ano do ciclo da alfabetização e formas de acompanhamento da aprendizagem para cada um dos referidos eixos. Neste sentido, ressalta que o ensino da Língua Portuguesa nos três primeiros anos do Ensino Fundamental é de suma importância para a apropriação da Leitura, Escrita, Oralidade e Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, mas que esses eixos são integrados e determinados conhecimentos/habilidades fazem parte de mais de um componente curricular.

1.2.1.1 Avaliação da leitura.

A avaliação da leitura no ciclo de alfabetização depende muito da forma como o professor entende o processo de avaliação, ou seja, qual concepção que ele tem sobre o que é ler, que objetivos ele precisa alcançar sobre a aquisição da leitura pelos educandos. Apesar de muitos afirmarem que ler é “compreender textos” as atividades oferecidas aos alunos em sala de aula nem sempre parecem objetivar o desenvolvimento dessa condição.

Diante disso, podem-se tomar como exemplo as inúmeras atividades em sala de aula a partir de textos fragmentados que muitas vezes perdem o sentido para as crianças e ainda, a prática de leitura exclusivamente de palavras, seguindo a ordem dos grafemas trabalhados pelo docente. Diante do exposto, entende-se que a leitura

não é apenas decodificar letras, sílabas e palavras, mas entender o que de fato o texto quer repassar para o leitor, e essa habilidade o educando precisa ser trabalhado pelo docente no ciclo de alfabetização.

Segundo o que está defendido nos diferentes materiais disponibilizados no Pacto pela Alfabetização na Idade Certa, a habilidade de leitura da criança deve avançar mais do que simplesmente investir na capacidade de ler palavras soltas. É necessário adquirir autonomia, a criança precisa ter condições de ler e compreender textos de diversos gêneros para atender a diferentes finalidades. Dessa forma, a escola precisa desempenhar diversas situações para que os educandos compreendam a importância do modo de ler, as crianças podem aprender, desde pequenas, a desenvolver estratégias que as ajudem a lidar com textos escritos, de forma a buscar neles a construção de sentidos, fazendo relação com o mundo real e não apenas uma correspondência entre letras e sons.

Assim, faz muita diferença se o professor acredita que a capacidade de ler se adquire simplesmente memorizando as correspondências entre grafemas e fonemas e sendo capaz de oralizar texto ou se ele desenvolve uma prática pedagógica voltada para que a criança possa identificar marcadores de diferentes gêneros textuais, como exemplo, destaca-se a receita de um bolo, entender os ingredientes e como fazer esse bolo, associar o texto novo com outros já conhecidos, localizar informações presentes no texto, fazer inferências a partir de indícios não explicitados, se posicionarem diante do que está escrito e associar o texto ao seu meio cultural.

1.2.1.2 A avaliação da produção textual.

Ao trabalhar em sala de aula com produção textual, seja com gêneros orais ou escritos, uma variedade de aspectos pode ser alvo de reflexão e avaliação. Diante dos textos produzidos, o professor pode perceber o modo como os alunos compreendem as situações de ensino que os levam a escrever de determinado modo, os conhecimentos que possuem diante do gênero e da temática proposta, entre outros aspectos.

Educador e educando precisam trabalhar em sintonia um com o outro, avaliar um texto produzido pelo aluno necessita ter um olhar diferenciado, ou seja, dar

possibilidades para que o aluno avance nas suas produções, intervindo e acompanhando suas dificuldades para que o mesmo desenvolva e possa progredir e que os seus objetivos sejam alcançados.

Avaliar um texto significa visualizar na materialidade semiótica os conhecimentos e habilidades dominados pelos estudantes, assim como as dificuldades apresentadas. Significa também analisar a intervenção didática feita e possíveis necessidades de adequações. Os educandos também podem avaliar seus próprios textos e analisar seus avanços e dificuldades, portanto, educandos e educadores podem monitorar a aprendizagem e o ensino.

Diante disso, o educando pode avaliar o próprio texto que escreveu, ou seja, avaliar pode significar rever, corrigir, reescrever, rascunhar, passar a limpo, confirmar ou negar hipóteses no ato da escrita, mas que esse processo não acontece de uma hora pra outra, nem em uma única aula, é um processo contínuo que necessita de atenção e acompanhamento do educador. Dessa forma o professor também realiza um determinado acompanhamento do seu trabalho como educador e se o método e instrumento de avaliação estão sendo adequados para determinado ano de ensino.

Nesse sentido, a avaliação busca como princípio central o diálogo, em que professor e educando possam interagir como leitores críticos dos textos produzidos, fazendo uso da linguagem como prática social. Os estudantes podem ser incentivados a perceber que também são responsáveis por suas aprendizagens. Assim, para que se tenha uma visibilidade do que se ensina e aprende nas produções textuais, é essencial uma reflexão sobre a construção dos instrumentos e acerca das formas de acompanhamento e encaminhamentos diante dos resultados.

Uma primeira questão é: O que considerar na elaboração de um instrumento de avaliação de produção de textos? Qual a importância do contexto de produção de textos para esse momento de escrita? Observa-se que para elaborar um instrumento de avaliação das capacidades de produção textual dos alunos, alguns aspectos precisam ser levados em consideração.

Os quadros de direitos de aprendizagem podem ajudar nessa questão, pois neles encontra-se uma sinalização das habilidades e conhecimentos que as crianças têm o direito de aprender em cada ano escolar. Assim, o primeiro desafio do

professor é justamente pensar no que ele quer avaliar e se esses objetivos estão condizentes com o que se espera que o professor ensine na etapa escolar.

É preciso destacar que há outras formas de avaliar o progresso dos alunos na escrita, ao realizar as produções coletivas, por exemplo, também pode tomar nota do que a turma foi capaz de desenvolver, perceber quais alunos participam (ou não), e até se demonstram ter mais ou menos segurança. As produções em duplas ou em grupos maiores também podem servir a essa finalidade, a diferença é que quanto maior o número de alunos envolvidos, maior dificuldade o professor terá para diagnosticar tais capacidades de forma mais precisa/ individual. Porém, terá em mãos uma visão mais coletiva da turma, o que não deixa de ser algo também interessante e importante.

1.2.1.3 A oralidade nas aulas de língua portuguesa: como avaliar as competências discursivas dos alunos.

Avaliar a competência discursiva dos alunos não é uma tarefa fácil, pois necessita planejamento adequado e principalmente os objetivos precisam está bem definidos, alguns estudiosos defendem que o trabalho com a modalidade oral da língua não se reduz à fala cotidiana, informal, mas consiste em realizar um trabalho sistemático e planejado voltado, principalmente, para os usos em interesses mais públicos de interação, em espaços diversos que não apenas os da informalidade do contexto familiar e de amigos. Cabe à escola auxiliar os alunos a desenvolverem conhecimentos e habilidades para a inserção em situações variadas de uso da oralidade, propondo objetivos bem definidos e atividades de escuta e produção de textos orais.

Ler em voz alta, conversar e discutir são algumas atividades da linguagem oral presentes em sala de aula, no entanto, o trabalho com a referida modalidade, muitas vezes, “não é ensinada a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas” (SCHNEUWLY, 2004. p.149). Dessa forma, entende-se que a avaliação da oralidade na sala de aula é pouco usada pelo professor como instrumento de avaliação, pois as atividades acontecem como o momento de leitura, contação de história e outros, mas que isso não é definido como processo didático para aquisição de nota e conceito.

O material do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) traz quatro dimensões que envolvem o desenvolvimento da linguagem oral como objetivo didático definido como: valorização de textos escritos de tradição oral; oralização do texto escrito; variação linguística e relações entre fala e escrita e produção e compreensão de gêneros orais.

Considerando que o trabalho com a modalidade oral na escola não deve ser orientada por uma visão espontaneísta de interação, sem nenhuma reflexão e/ou sistematização, ressalta-se que as atividades com a referida modalidade podem contemplar tanto os gêneros orais quanto servirem de suporte para o desenvolvimento de outras competências. Entretanto, como poderíamos avaliar as habilidades dos alunos referentes ao eixo oral? Quais as formas de avaliar tal eixo considerando o que os alunos precisariam atuar com autonomia, através da fala, em diferentes contextos sociais?

Uma das formas de avaliar algumas habilidades voltadas para oralidade é traçar roteiros de observação considerando as expectativas de aprendizagem da etapa correspondente e as peculiaridades da comunidade na qual a escola está inserida.

O documento apresenta quatro roteiros que poderão auxiliar o (a) professor (a) a observar as habilidades que os alunos já dominam e as que precisam ser foco mais sistemático de abordagem em sala de aula. Com o roteiro de observação, por meio do registro da turma, será mais fácil planejar situações didáticas que abordem o eixo oral como objeto de ensino que são: Contação de história; entrevista; debate (debate para resolução de problemas) e seminário escolar.

1.2.1.4 Avaliando os conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética.

O trabalho no eixo da apropriação da escrita alfabética deve ser realizado no ciclo de alfabetização de forma progressiva, espera-se que, a cada ano, seja dada ênfase em conhecimentos diferentes, para que, ao longo dos anos, os alunos venham a se apropriar de todos os direitos de aprendizagens progressivamente. Os direitos de aprendizagens possibilitam que possamos planejar e orientar os avanços do ensino e das aprendizagens no ciclo de três anos de alfabetização com intencionalidade didática e pedagógica.

Nesse sentido, cabe à escola garantir que, ao final do 1º ano, os alunos tenham compreendido o funcionamento da escrita alfabética e que, nos dois anos seguintes, eles venham a consolidar as correspondências entre letra e som e a desenvolver alguns conhecimentos sobre regras ortográficas.

Assim, retomando o quadro de direitos de aprendizagens apresentado na seção “Compartilhando” do Fascículo 1, o trabalho no 1º ano deve levar os alunos a consolidar a capacidade de: Escrever o próprio nome; reconhecer e nomear as letras do alfabeto; diferenciar letras de números e outros símbolos; conhecer a ordem alfabética e seus usos em diferentes gêneros; compreender que palavras diferentes compartilham certas letras; perceber que palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras; segmentar oralmente as sílabas de palavras e comparar as palavras quanto ao tamanho; identificar semelhanças sonoras em sílabas e em rimas; reconhecer que as sílabas variam quanto às suas composições; perceber que as vogais estão presentes em todas as sílabas; ler, ajustando a pauta sonora ao escrito.

No 2º ano espera-se que, além de continuar a consolidação do que está previsto para o 1º ano, o aluno esteja apto: A reconhecer diferentes tipos de letras em textos de diferentes gêneros e suportes textuais; usar diferentes tipos de letras em situações de escrita de palavras e textos; dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a ler sozinho palavras e textos; dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a escrever palavras e textos. Ressalta-se que estes direitos devem ser trabalhados desde o 1º ano, porém a sua consolidação dar-se-á, preferencialmente, no 2º ano que, nos casos em que o aluno não os tenha dominado, ao final desse ano letivo, precisamos garantir, por meio de atividades diferenciadas, que ele venha a consolidá-los no 3º ano.

Por fim, o 3º ano é destinado ao aprofundamento do direito de conhecer e fazer uso das grafias de palavras com correspondências regulares contextuais (por exemplo, R e RR, C e QU, G e GU etc.) entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro. Para viabilizar que os alunos progridam em seus conhecimentos, a cada ano do ciclo de alfabetização, precisa-se, ao longo dos anos letivos, realizar atividades avaliativas para identificar o que os educandos já sabem e o que ainda precisam saber, para terem o direito de aprender garantido. Como, então, avaliar os

conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética dos alunos, ao longo de cada um dos anos do ciclo de alfabetização?

Para construirmos uma proposta de avaliação que busque investigar quais conhecimentos as crianças possuem sobre o sistema de escrita alfabética, de modo que se possa redimensionar a prática, para que avancem, é importante considerar alguns aspectos, tais como: Qual a intencionalidade dessa avaliação? Para quem e o que avaliamos? Como avaliar os saberes construídos e em construção? Quais encaminhamentos serão dados durante e após o processo avaliativo? Quais aspectos da prática docente precisam ser redimensionados com base na avaliação feita? Quando se refere ao ciclo de alfabetização, tem urgência em identificar o que os alunos já sabem sobre a leitura e escrita, ou seja, ao iniciar o ano letivo, precisa compreender os aprendizados já construídos. São esses conhecimentos que nos permite direcionar os estudos e atividades programadas para determinado ano. É nesse momento que se podem identificar as principais dificuldades e a partir daí, traçar o perfil da turma.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

De acordo com Gamboa (2012) ressalta que o método pelos quais se aborda um fato educacional envolve hipóteses que precisam ser desvelados, principalmente quando se leva em conta que a investigação científica em educação deve ser questionadora. É necessário delimitar que tipo de ciência se deseja fazer, a legitimidade da prova e sua causalidade, bem como definir as formas como o sujeito se relaciona com o objeto na investigação, de acordo com a concepção de homem, de realidade e de história que constituem o campo da pesquisa. Com relação a metodologia, o autor compreende ainda que:

Para entender os métodos utilizados na investigação científica é necessário reconstruir os elementos que o determinam e as relações que estes têm com outras dimensões implícitas nos processos de produção do conhecimento, tais como as técnicas, os instrumentos de aquisição, organização e análise de dados e informações, e as concepções epistemológicas e filosóficas nas quais se fundamentam os processos de investigação; dimensões essas que supõem uma articulação entre si, uma coerência interna e uma lógica própria, que por estarem implícitas no processo da elaboração da pesquisa precisam ser reveladas ou reconstituídas. (GAMBOA, 2012, p. 38)

A metodologia utilizada para a pesquisa foi um percurso de suma importância para o alcance dos objetivos citados no presente trabalho. A mesma é o caminho percorrido, as ações realizadas, passo a passo, para chegar ao resultado final da pesquisa e com os objetivos alcançados. Dessa forma, os métodos e instrumentos utilizados pelos docentes no 1º ciclo de alfabetização na E M E I F Gleba Pernambuco em Inhangapi - PA são revelados, para entender o que é a avaliação da aprendizagem no 1º ciclo de alfabetização.

2.1 Tipos de pesquisa.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Gleba Pernambuco, localizada no meio rural pertencente ao município de Inhangapi - PA. Para a realização da investigação, utilizei a pesquisa bibliográfica com contribuição de alguns autores como: Cipriano Luckesi, Paulo Freire, Jussara Hoffmann, Celso Vasconcellos e Phillipe Perrenoud que discutem o tema investigado; através da pesquisa de campo com aplicação de um roteiro de entrevista com cinco (5) perguntas estruturadas para professores do 1º ciclo de

alfabetização do Ensino Fundamental. A abordagem utilizada para análise dos dados foi a qualitativa.

A pesquisa de campo revela a identificação e análise dos métodos e instrumentos da avaliação da aprendizagem que os professores utilizam na escola pesquisada para então ter-se um diagnóstico geral da problemática.

Segundo Lakatos e Marconi, (2003, p.186).

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.

O estudo constitui uma pesquisa de campo, pois, de acordo com Minayo (2010, p. 62) o campo é o “recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação”.

A definição pela abordagem qualitativa do objeto de estudo se deu pelo motivo de compreender e aprofundar o que os professores sentem e entendem o verdadeiro sentido da avaliação da aprendizagem. Partindo do exposto, considera-se o que diz Goldenberg (1997, p.34).

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais tem sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria [...].

2.2 Técnica de pesquisa.

A Técnica de pesquisa é “o conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174). Dessa forma, a técnica de pesquisa utilizada no presente trabalho foi à aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada, conforme é possível observar no Apêndice - B, contendo cinco (5) perguntas fundamentais relacionados aos métodos e instrumentos utilizados na avaliação da

aprendizagem para os professores do 1º ciclo de alfabetização da E. M. E. I. F. Gleba Pernambuco em Inhangapi - PA, sendo uma (1) professora do 1º ano, uma (1) do 2º ano e um (1) do 3º ano.

Destaca-se nesse trabalho a importância da entrevista para coleta de dados do objeto de investigação, pois segundo os autores:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p.17).

2.3 Instrumentos de coleta de dados.

A coleta de dados é o ato de levantar materiais relacionados ao objeto pesquisado para alcançar seus objetivos. O instrumento que utilizei para coletar dados dos docentes foi um roteiro de entrevista semiestruturado com 5 (cinco) questões, que foram fundamentais para o levantamento de informações a cerca dos métodos e instrumentos utilizados no processo avaliativo do 1º ciclo alfabetizador.

Segundo Ribeiro (2008 p.141) a entrevista é:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

2.4. Caracterização do lócus.

A pesquisa aconteceu na Agrovila de Pernambuco, mais precisamente na E. M. E. I. F. Gleba Pernambuco, localizada no município de Inhangapi-PA.

O Município de Inhangapi pertence à Mesorregião Metropolitana de Belém e à Microrregião Castanhal. A sede Municipal tem as seguintes coordenadas geográficas: 01º 25' 45" de latitude Sul e 47º 54' 54" de longitude a Oeste de Greenwich. LIMITES Ao Norte- Município de Castanhal. Ao Sul- Municípios de São Miguel do Guamá e Bujaru. A Leste - Município de São Miguel do Guamá. A Oeste- Municípios de Santa Isabel do Pará e Castanhal, como é possível verificar na figura 01 abaixo.



FIGURA 01: Mapa de localização do Município de Inhangapi – PA. **Fonte** google mapa (2018).

A Escola Gleba Pernambuco, como é possível visualizar nas figuras 02 e 03 abaixo, foi criada em 1967, pelo fundador da colônia Agrícola “Gleba Pernambuco” Dr. Edgar de Souza Cordeiro, funcionando de 1ª a 4ª série primária, em uma casa de propriedade da professora Augusta Magalhães.



FIGURA 02: Escola Municipal Ens. Inf. Fund. Gleba Pernambuco; **Figura 03:** Área interna da escola. **Créditos:** Sandro Albuquerque.

Em 1970, o INCRA, construiu o Ginásio Agrícola Gleba Pernambuco, com seis (06) salas de aulas, uma (01) secretaria, uma (01) diretoria, uma (01) biblioteca, um (01) salão com auditório, oito (08) banheiros. Funcionando no ano de 1971, com aproximadamente trezentos (300) alunos de várias localidades vizinhas e quinze (15) funcionários, com a direção do padre professor Carlos Antunes Lameira.

No ano de 1973, a escola passou a ser administrada pela Prefeitura Municipal de Inhangapi-PA, sendo na época prefeito o senhor Vicente Monteiro. No ano de 1993, na administração do prefeito Sr. Geremias Alves Pessoa e tendo como Secretária de Educação a Sr.ª Evaldete Nascimento, foi implantado o Anexo da Escola Estadual Prof. Antônio Marçal o Ensino de 5ª a 8ª série e supletivo.

A referida instituição está localizada na agrovila de Pernambuco, há 22 (vinte e dois) km da sede do município, Zona Rural do município de Inhangapi-Pará. Atualmente, o funcionamento da escola está dividido em dois (02) turnos: Matutino das 07h30 min às 11h30min; e noturno das 19h00min às 22h00min, pois no turno vespertino a escola é cedida para o Estado com Ensino Fundamental II e Ensino Médio. No turno matutino ensina crianças da Educação Infantil ao 5º ano, e noturno, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), totalizando 110 alunos.

Sobre o espaço físico da escola, percebeu-se que o prédio já é antigo e demanda algumas reformas e pintura. Quanto à distribuição do espaço físico, a escola dispõe de oito (8) salas de aula, distribuídas nas modalidades de ensino: Educação Infantil, Ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos, (EJA); uma (1) copa cozinha bem ampla, um (1) pátio com bastante espaço, aonde são desenvolvidos as culminâncias dos projetos de ensino, espaço de recreação e outras atribuições destinadas ao processo de ensino e aprendizagem; dois banheiros, sendo um (1) masculino e um (1) feminino, ambos com acessibilidade para portadores de necessidades especiais; uma (1) sala da direção escolar; uma (1) biblioteca, mas que não faz parte da escola, ou seja, está em uma sala da escola por não existir outro espaço, pois a biblioteca é municipal.

O quadro de funcionários se dará da seguinte forma: uma (1) diretora, uma (1) coordenadora pedagógica, uma (1) secretária, oito (8) professores, (5) serventes.

2.5 - Sujeitos da pesquisa.

A pesquisa foi realizada com três professores do primeiro ciclo de alfabetização na E M E I F Gleba Pernambuco, o objetivo da pesquisa foi para conhecer, identificar e analisar quais os métodos e instrumentos utilizados pelos docentes no 1º ciclo de alfabetização para realizar a avaliação da aprendizagem, de forma que se possa obter um conhecimento sobre o que levam em consideração quando aplicam modelos de avaliação, se o que considera ideal ou o que vivenciam em sala de aula. Trata-se de reconhecer com que intencionalidade avaliam seus alunos, se buscam apenas satisfazer o seu planejamento ou se buscam a construção de um currículo vivido em conjunto com os alunos e se tem consciência dos resultados das suas práticas avaliativas no seu sucesso ou fracasso.

Para preservar a identidade dos entrevistados, os mesmos foram identificados por uma letra do alfabeto, sendo: Professora A, professora B e professor C. Os questionamentos foram respondidos, com uso de gravador de voz, pela professora (A), que leciona na turma do 1º ano, professora (B) que leciona na turma do 2º ano e pelo professor (C), que leciona na turma do 3º ano, ambos do 1º ciclo de alfabetização que atuam na Rede Municipal de ensino na E. M. E. I. F. Gleba Pernambuco, localizada na Agrovila de Pernambuco, zona rural do município de Inhangapi - PA.

O quadro abaixo (Quadro 01) apresenta o perfil dos docentes que fizeram parte desta pesquisa de campo, os mesmos foram identificados por uma letra do alfabeto, a fim de preservar suas identidades.

Quadro 01: Perfil dos Docentes Entrevistados.

DOCENTES	IDADE	FORMAÇÃO ESCOLAR	TEMPO DE TRABALHO
Professora (A)	54 ANOS	MAGISTÉRIO/LICENCIADA EM PEDAGOGIA	30 ANOS
Professora (B)	48 ANOS	LICENCIADA EM HISTÓRIA E PEDAGOGIA	30 ANOS
Professor (C)	40 ANOS	MAGISTÉRIO/LICENCIADO EM PEDAGOGIA	18 ANOS

Fonte: Dados adquiridos a partir da coleta de dados - 2018.

CAPÍTULO 3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta Seção tem por objetivo identificar que métodos e instrumentos de avaliação são utilizados pelos professores do primeiro ciclo de alfabetização na E M E I F Gleba Pernambuco no município de Inhangapí-PA e posteriormente, analisar se os métodos e instrumentos usados pelos mesmos estão adequados segundo os autores citados na pesquisa e segundo o que está defendido nos diferentes materiais disponibilizados do Pacto pela Alfabetização na Idade Certa -PNAIC.

Os professores foram abordados no dia 22 de maio de 2018, depois que obtive autorização da direção da escola para a realização da pesquisa, o processo de abordagem passou, inicialmente, por uma conversa informal, com o convite para a participação, e depois pelo preenchimento de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta no apêndice desta pesquisa, por meio do qual os professores foram informados sobre os objetivos do estudo. A entrevista aconteceu no ambiente da escola após o término das aulas, sendo que em dias diferentes, pois não foi possível coletar as informações no mesmo dia pelo tempo disponível que era pouco.

O roteiro de entrevista aplicado aos professores que concordaram em participar da pesquisa continham cinco (5) perguntas estruturadas, que tratam das intencionalidades em relação às formas avaliativas aplicadas no 1º ciclo de alfabetização.

Os estudos das informações foram feitos através de análise das respostas obtidas com o objetivo de contribuir com tudo aquilo que detalhe o caminho que se trilhou para concretizar a pesquisa, sendo confrontadas as respostas com autores da temática em discussão. Sendo assim, a primeira indagação questionou os professores acerca do que entendiam sobre avaliação da aprendizagem?

O que eu entendo sobre avaliar é, por exemplo, eu faço uma sondagem o que o meu aluno sabe né, o que é que eu quero que ele mostre pra mim através de uma atividade, entendeu? Então eu vejo assim, por exemplo, eu quero saber é..., faço uma pesquisa dentro de sala de aula, e aí eu vejo o que é que meu aluno vai dizer sobre aquela pesquisa, [...] só quero saber o grau de conhecimento dele. (Professora A)

Olha pra mim avaliação é verificar né..., o desempenho do aluno, mas assim no método mais, vamos dizer assim tradicional né, aonde eu quero medir a capacidade dele, daquilo que eu tentei passar, repassar e ver qual foi realmente o que ele conseguiu alcançar. (Professora B)

Avaliação da aprendizagem é uma forma de acompanhar e avaliar o desenvolvimento do aluno no processo educacional. (Professor C)

Observou-se que os professores entrevistados consideraram as determinadas perguntas e responderam com a finalidade de explicar o que entendiam sobre avaliação da aprendizagem. Dessa forma, levando em consideração o que se ouviu, segundo a professora (A) e o professor (C), avaliação da aprendizagem é fazer uma sondagem na sala de aula pra saber o que o aluno já sabe e o que ele trouxe de conhecimento sobre uma determinada temática. Segundo eles, por meio da sondagem, pode-se verificar o grau de informação que o aluno adquiriu até o presente momento. Eles vejam a avaliação da aprendizagem como um método de acompanhar o desenvolvimento do aluno em todo o processo educacional. A professora (B) considera a avaliação da aprendizagem como uma forma de verificar e medir a capacidade do aluno, se realmente ele conseguiu aprender o que foi repassado nas aulas.

Nesse sentido, concordo com os professores quando retratam a avaliação da aprendizagem como sendo um processo de acompanhar o aluno no seu desenvolvimento pleno de aprendizagem e fazer as possíveis intervenções. Para Luckesi (2002), a avaliação da aprendizagem, nessa perspectiva, considera como uma avaliação diagnóstica, pois afirma que é entendida como “um ato amoroso na medida em que a avaliação tem por objetivo diagnosticar e incluir o educando”.

Com relação à resposta da professora (B) Considera-se um pouco confusa quando fala que a avaliação é uma forma de medir a capacidade do aluno. Entende-se que nem tudo pode ser medido, principalmente a capacidade de inteligência do ser humano. Segundo Haydt (2000, p. 9):

Medir significa determinar a quantidade, a extensão ou o grau de alguma coisa, tendo por base um sistema de unidades convencionais. Na nossa vida diária estamos constantemente usando unidades de medidas, unidades de tempo. O resultado de uma medida é expresso em números. Daí a sua objetividade e exatidão. A medida se refere sempre ao aspecto quantitativo do fenômeno a ser descrito.

Desse modo, compreende-se que ainda não existem instrumentos para medir o grau de conhecimento adquirido ao longo do processo de ensino e aprendizagem do aluno, pois medir está relacionado à quantidade e não a qualidade. Hoffmann (2000) afirma que os docentes ainda tem essa dificuldade de entender o verdadeiro

sentido da palavra avaliação da aprendizagem escolar, pois ressalta que “a medida assume, muitas vezes, papel absoluto nas decisões de eliminação” (HOFFMANN, 2000, p.50).

A segunda questão foi: Que métodos e instrumentos de avaliação da aprendizagem você utiliza para avaliar os alunos do primeiro ciclo de alfabetização?

Eu uso só o diagnóstico durante as aulas, às vezes toda semana eu faço um diagnóstico com eles pra saber o grau do nível que eles estão. (Professora A)

[...] Observando a participação do aluno, o interesse do aluno, e o desenvolvimento realmente dele no dia a dia. Não tendo aquele compromisso assim de escrita. E no final do bimestre faz-se o relatório colocando ali todos os quesitos que até mesmo é exigido pela SEMED no crescimento do aluno com relação à aprendizagem. (Professora B)

É através do diagnóstico, atividades avaliativas no dia a dia e também a prova tradicional. (Professor C)

Analisando as respostas dos entrevistados, observou-se que os professores no geral utilizam os métodos e instrumentos como avaliação diagnóstica, ou seja, usam as atividades do dia a dia para saber que nível de conhecimento os educandos estão, levando em consideração a participação dos mesmos nas atividades propostas. A professora (B) relatou que não usa a escrita como instrumento de avaliação, pois considera que o objetivo principal da avaliação não está na escrita, mas sim na elaboração do relatório para apresentar a Secretaria Municipal de Educação no final de cada semestre. O professor (C) relatou que além do instrumento como diagnóstico, utiliza a prova tradicional como instrumento de avaliação.

Desse modo, entende-se que os professores usam poucos instrumentos para avaliar os alunos, somente por meio de atividades de rotina para saber se o aluno aprendeu o conteúdo trabalhado ou não e a prova tradicional, citado pelo professor (C). No entanto, considero de suma importância utilizar diversos tipos de instrumentos para que a avaliação da aprendizagem aconteça de modo satisfatório, para não prejudicar o desenvolvimento do aluno na sua trajetória escolar.

O professor pode utilizar diferentes instrumentos que possam identificar os conhecimentos e habilidades já alcançadas pelos estudantes e o que eles ainda precisam dominar, bem como, as dificuldades encontradas nesse percurso, lembrando sempre de considerar as especificidades de cada criança, garantindo, assim, a progressão entre os anos do ciclo de alfabetização (BRASIL, 2012, p. 67).

Dando seguimento a entrevista indagou-se: Como você realiza a avaliação da aprendizagem dos alunos?

Eu faço mais por meio de atividades de classe, eu não tenho essa avaliação quantitativa que vai avaliando através de média, então a gente não faz esse método, só mesmo a atividade. (Professora A)

Na observação, no dia a dia na sala de aula, é..., procurando assim fazer os questionamentos na própria sala e no dia a dia, porque assim, às vezes o aluno, eu percebo assim que o aluno fica ali disperso, né que nem eu tenho um aluno assim, ele sempre faz alguma coisinha assim que ele, a meu ver, não está prestando atenção, mas de repente quando eu faço uma pergunta ele responde. Então, é sempre assim, avaliando nesse termo que ele não está prestando atenção, eu que penso né, mas sempre observando e valorizando o que ele me responde, as mínimas coisas que ele faz. (Professora B)

É de forma contínua, observando a participação dos alunos nas atividades propostas. (Professor C)

Observou-se nas respostas dos entrevistados que a avaliação da aprendizagem é feita por meio das observações, de atividades desenvolvidas no dia a dia em sala de aula. A professora (A) foi bem direta quando disse que não avalia pra dar nota ao final e que a atividade desenvolvida é somente para saber o que o aluno aprendeu nas aulas. A professora (B) foi mais objetiva, pois observa, faz questionamento e considera tudo o que eles dizem na sala, sempre valorizando as respostas, mesmo aqueles que não prestam atenção. O professor (C) com suas respostas curtas e práticas, realiza a avaliação da aprendizagem de forma contínua, observando aqueles alunos mais participativos nas atividades desenvolvidas em sala.

Com base nessas colocações, compreende-se que para os professores entrevistados, a avaliação se resume em observações e atividades, como se o único instrumento disponível fosse por meio das atividades. Não que esse instrumento não seja um método eficaz, porém necessita de mais elementos que enriqueça o trabalho pedagógico e posteriormente contribua para uma avaliação de qualidade que possa proporcionar satisfação ao educando e que o educador conheça outras habilidades do aluno por meio de diversos instrumentos.

Ao avaliar o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, para que se possa diagnosticar o começo, o durante e o fim de todo o processo avaliativo, para que a partir de então possa progredir no processo didático e retomar o que foi insatisfatório para o processo de aprendizagem dos educandos. (SANTOS; VARELA, 2007, p. 2 e 3).

Com base no que diz as autoras o professor terá um diagnóstico completo do aluno sobre suas competências, habilidades e possíveis dificuldades acerca da aprendizagem quando são utilizadas formas variadas de metodologia e instrumentos para avaliar. Sendo assim, a diversidade de instrumento no processo de avaliação passa a ser de suma importância para que o professor conheça o aluno e intervenha no que lhe é atribuído.

Dando continuidade perguntou-se: Você considera os métodos e instrumentos de avaliação da aprendizagem adequados para o primeiro ciclo de alfabetização? Por quê?

Não, eu não acho adequado, porque a maioria dos alunos do ciclo ainda não domina a leitura, então essa é a maior dificuldade que eu enfrento na sala de aula, por exemplo, a criança chega no 3º ano sem dominar a leitura e a escrita, porque se você não domina a leitura, na escrita vai ter dificuldade. (Professora A)

Eu acho mais adequado né, porque a gente vai avaliar a criança no dia a dia e não só em um momento de avaliação como era no tradicional, fazendo esses questionamentos, avaliando e vendo realmente o interesse deles, né, dos alunos. Então esse método de avaliação, sem ser aquela prova escrita, eu acho mais adequado, porque a gente averigua melhor mesmo o dia a dia do aluno. Às vezes ele chega num momento assim, tem dia que ele não está bem, mas tem dia que ele está. Então eu vou avaliar no dia que ele está bem, que ele responde que está mais interessado e não no outro momento que às vezes ele vem com alguma coisa de casa, com algum problema, chateado. (Professora B)

Mais ou menos, alguns métodos são eficientes, outros métodos dependendo da ocasião, das circunstâncias se tornam um pouco difícil. (Professor C)

De acordo com as respostas dos professores, a professora (A) considera os métodos e instrumentos utilizados inadequados para o 1º ciclo de alfabetização, pois defende que um dos problemas vivenciados atualmente é que os alunos chegam ao final do ciclo de alfabetização sem saber ler e relata que são os métodos e instrumentos utilizados que não retêm o aluno, ou seja, não são severos como no modelo tradicional em que se o aluno não aprendesse a ler na 1ª série, não avançava, ou seja, era reprovado por não saber ler.

Desse modo, observa-se que a professora sente uma enorme dificuldade de avaliar o aluno com esses objetivos do ciclo de avançar o aluno para o próximo ano, pois segundo ela, muitas vezes o aluno avança sem aprender a ler e isso implica no

ano seguinte porque não consegue acompanhar e fazer as tarefas que são destinadas à turma.

A professora (B) concorda e diz que é mais adequado, pois o professor tem mais possibilidades de acompanhar o desenvolvimento do aluno no dia a dia por meio das observações e atividades de diagnósticos, fazendo questionamentos. Relata que o modelo de avaliação atual é melhor que o modelo tradicional que se resumia em prova escrita, avaliando o aluno somente naquele dia.

O professor (C) não foi bem claro na sua resposta, pois relatou que dependendo do momento, alguns métodos são mais eficientes e outros não, mais que de alguma forma, o professor sentirá dificuldade na hora de avaliar.

No geral, observou que só a professora (B) concorda com o novo modelo de avaliação que são atribuídos pelos autores citados no presente trabalho, como sendo uma avaliação diagnóstica, mediadora e formativa. Nesse sentido, reforçando o que diz a professora entrevistada, Santos e Varela, (2000, p. 6) destacam que:

Um dos propósitos da avaliação com função diagnóstica consiste em informar o professor sobre o nível de conhecimentos e habilidades de seus alunos, antes de iniciar o processo de ensino – aprendizagem, para determinar o quanto progrediram depois de um certo tempo.

Nesse sentido, entende-se que as autoras consideram a avaliação diagnóstica mais favorável para conhecer o que o educando traz de conhecimento adquirido fora do âmbito escolar. A partir dessa sondagem, as intervenções feitas para ajudar o aluno a progredir, tornam-se mais evidente e o processo na busca do conhecimento acontece de modo significativo, tanto para o professor que ensina, quanto para o aluno que aprende. Sendo assim, a professora (B) chegou mais próxima, considerando suas respostas, do que diz os autores citados no trabalho a respeito da avaliação da aprendizagem.

Para finalizar os questionamentos fez-se mais uma pergunta aos entrevistados: Qual sua maior dificuldade quando o assunto é avaliar?

A dificuldade que eu acho é em avaliar o outro, é todo um conjunto né, às vezes a criança não está bem naquele dia, aí ele vai fazer a avaliação dele e se dar mal, porque está com o psicológico abalado, está com algum problema familiar ou mesmo com um colega na sala de aula, ou lá fora e vai fazer a avaliação e ele se dar mal, tira uma média baixa, aí o professor só avalia a média, eu tenho a maior dificuldade de avaliar o outro através de média. (Professora A)

É procurar não dá..., não valorizar esses momentos dos alunos que eles têm esses problemas, por exemplo, porque às vezes a gente quer que o aluno faça aquilo que a gente quer, então aí eu não vou avaliar ele naquele momento que ele está chateado com alguma coisa. Então, às vezes aquele aluno também, né, tem um aluno assim, vamos dizer assim mais danadinho né, então esse aluno, às vezes, por ele ser assim, a gente tem mais dificuldade de avaliar aquele aluno, às vezes até procura dá uma punição né, dizendo assim - ah tu é muito danado, então não vai passar, ou fica fazendo chantagem com o aluno. Então são os alunos assim mais peraltas, vamos dizer assim, que não é bem esse termo, que a gente tem dificuldade né, de enxergar aquele aluno com outros olhos também. Então achar que ele é assim que eu vou dá tipo uma punição, eu vou avaliar dando uma nota mais baixa, ou dando um conceito inferior pra ele, tipo uma punição. Mais difícil é isso, ter essa consciência. Não é porque o aluno é desse jeito que vai avaliar dando um conceito inferior pra ele. (Professora B)

A turma grande, pois a turma grande se torna um pouco complicados pra gente avaliar, né, muitos alunos. Cada um tem um pensamento e se a gente não tiver um pulso pra ter aquela dominação da turma, a gente se perde e não consegue avaliar, deixa a desejar a alguns, avalia aqueles que se destacam e os outros a gente deixa um pouco de lado. (Professor C)

Nessa última pergunta analisou-se as respostas dos entrevistados sendo que a professora (A) diz que sua maior dificuldade na avaliação é de fato, avaliar o outro e principalmente avaliar através de média, pois entende-se que avaliar dando média não é uma avaliação completa porque o docente avalia aquele momento, ou seja, naquele dia, sendo que o aluno pode está com algum problema e no momento do exame não consegue resolver com maior propriedade.

A professora (B) trouxe uma questão muito importante de se discutir, pois sua maior dificuldade de avaliar é ter a consciência de avaliar o aluno de forma igualitária, contribuindo seu desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, a professora não prioriza somente o aluno que é bem esforçado ou aquele que apresenta uma atenção maior durante as aulas, mas sim todos os alunos, mesmo aqueles que são considerados “peraltas”, como diz a professora.

Desse modo, entende-se que mesmo sendo danadinho, o aluno consegue desenvolver uma aprendizagem significativa, pois não se pode avaliar o seu comportamento, dando uma nota mais baixa, mas designando métodos que possa contribuir no aprendizado e não punindo por entender que ele é desinteressado e danado na sala de aula.

O professor (C) afirma que sua maior dificuldade de avaliar é quando a turma é grande, ou seja, dificilmente conseguirá atentar-se para as diversas dificuldades que o aluno apresenta e, às vezes, dar uma atenção maior para aquele aluno que se

destaca nas aulas, sendo exemplar, aquele que consegue entender o que é repassado e acaba prejudicando o aluno que precisa de ajuda, de intervenção, de estímulo para então prosseguir na busca do conhecimento, sendo tachado como o que não sabe nada.

A avaliação escolar colabora com este processo de dominação, ajudando a formar um autoconceito negativo (incapaz, problemático, ignorante, etc.), desde a mais tenra idade, em milhões e milhões de crianças, jovens e adultos, especialmente nas camadas populares, que têm o “privilegio” de passar pelos bancos escolares (VASCONCELOS, 2006, p. 35).

Sendo assim, com base nas colocações dos professores, compreende-se que cada um tem uma compreensão acerca das dificuldades sobre a habilidade de avaliar, mas que acabam mencionando a avaliação como sendo um método de dar notas e conceitos, pois relatam diversas vezes em suas respostas como produto final da avaliação.

Vale ressaltar que a escola ainda não dispõe de seu PPP - Projeto Político Pedagógico que oriente o método de como a avaliação da aprendizagem vai ser retratada na escola, tornando o trabalho do professor sem um direcionamento a ser cumprido, mas que a SEMED - Secretaria Municipal de Educação, já está tomando as providências necessárias para que todas as escolas municipais, inclusive a escola pesquisada, construam junto à comunidade escolar, o seu PPP.

Com base nas respostas dos professores e na observação feita na Escola EMEIF Gleba Pernambuco, no período da pesquisa, pude perceber que a função do coordenador pedagógico é de suma importância para o andamento das atividades e principalmente nos períodos de avaliações. Mas muitas vezes a ausência de um trabalho mais atencioso, deixa a desejar, comprometendo as atividades realizadas pelos professores, como: traçar metas e estratégias que viabilizem o andamento do processo ensino e aprendizagem, de forma a apontar uma melhor qualidade na escola, muitas vezes, sente-se a ausência do apoio mais efetivo da SEMED, no sentido de oferecer formação continuada, adequada para os profissionais da educação.

Neste sentido, considera-se a avaliação da aprendizagem um tema bastante complexo, pois varia de escola para escola os métodos utilizados para avaliar, assim como os instrumentos de avaliação. Os autores citados nesse trabalho defendem a avaliação diagnóstica, formativa e mediadora, ou seja, por meios de instrumentos

avaliativos detectarem as dificuldades dos alunos para então diagnosticar de forma correta. A avaliação formativa procura atribuir condições por parte da escola e dos docentes de acompanhar o educando na formação, dando condições de informar suas progressões e dificuldades contribuindo para que o ensino aprendizagem ocorra de maneira expressivo, avaliar as necessidades e limitações dos educandos.

Hoffmann (2000) define avaliação mediadora como uma concepção de erro construtivo, ou seja, é a partir da sua vivência que o aluno consegue construir suas respostas e hipóteses em diversas situações encontradas no cotidiano da sala de aula. E por meio da intervenção do docente, ela vai desconstruindo e construindo outros saberes com as mesmas características, enriquecendo seu vocabulário sobre determinado tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da aprendizagem faz parte do processo histórico da educação desde o início do século XVI, quando começou a se pensar que um professor não ensinaria dois ou três alunos como acontecia no século anterior, mas ensinaria muitos como acontece nos dias atuais.

Desse modo, a avaliação no âmbito escolar predominou para saber se realmente os alunos estavam aprendendo ou não o que era repassado em sala de aula, ou seja, se envolveu da vida social os exames que eram utilizados por seleção de profissionais, seleção de soldados do exército, enfim, diversos âmbitos da atividade social, pois se era seletivo, importava-se para a escola como modelo de avaliação para classificar o aluno, sendo aquele que aprende prossegue, ou seja, avança para o próximo ano considerado aprovado. E aquele que não aprende é retido ou reprovado, permanecendo no mesmo ano, às vezes, taxado como incompetente, preguiçoso e que não sabe nada.

Sabe-se que a partir do século XX, o modelo de avaliação vem sendo debatido, questionado em diversos segmentos da educação para descaracterizar esse modelo excludente de avaliação que as escolas ainda desfrutam. Neste presente trabalho de pesquisa, foram citados diversos autores que discutem o tema investigado e que ao se confrontar o que eles discutem e o que os professores interrogados revelaram sobre o que entendiam sobre a avaliação, consolidou esse posicionamento de que a avaliação da aprendizagem escolar precisa de um acompanhamento primordial para que os alunos não sejam penalizados por professores que não percebem a importância desse processo no entendimento do que é avaliar e que os métodos e instrumentos utilizados não são suficientes e satisfatórios para o ano adequado.

Mesmo com várias mudanças e discussões feitas para a prática de avaliar, com a presente pesquisa percebeu-se que os docentes pesquisados ainda enxergam as provas e exames sendo um dos instrumentos mais eficazes para avaliar os alunos, o que nos é razoável, pois como o docente vai avaliar se nem ele mesmo sabe o que a avaliação representa, ou seja, não sabe qual o objetivo da avaliação no âmbito escolar. Desse modo, sugiro a elaboração de um PPP na escola, lócus da pesquisa, pois se entende que é um documento muito importante

para a gestão, professores e toda a comunidade intra e extra escolar onde os direcionamentos estarão expostos, contribuindo com a prática pedagógica e outras atribuições.

Percebe-se que algumas das práticas apresentadas pelos docentes no presente trabalho, estão atreladas ao modelo de avaliação que vem desde o século XVI, citado anteriormente, mas com as exigências do sistema de ensino e por vontade própria dos docentes em ter um nível superior. Há 4 ou 5 anos atrás os docentes entrevistados tinham apenas o antigo magistério, foram buscando mais conhecimentos por meio da graduação, especialização, leituras em livros, artigos, e outros, para então conhecer mais sobre o ato de avaliar a aprendizagem dos alunos.

Contudo, é importante ressaltar que a avaliação da aprendizagem e principalmente os métodos desenvolvidos e instrumentos utilizados pelos docentes possuem ainda um longo percurso no que diz respeito ao seu caráter de fenômeno a ser explorado. É preciso desatrelar o método de avaliar apenas por provas e exames, mas buscar outros meios e instrumentos que possam contribuir na busca de outras habilidades dos alunos, ou seja, para que haja progressão no processo de ensino e aprendizagem, o docente precisa se apropriar de outros instrumentos para que o educando possa mostrar o seu potencial e outras habilidades, não somente com as atividades avaliativas e provas.

Diante do exposto, acredita-se que a avaliação da aprendizagem e seus métodos e instrumentos utilizados pelos docentes é um campo que tem gerado inúmeras discussões no âmbito educacional, deste modo se propôs nessa pesquisa um olhar reflexivo para os diferentes direcionamentos das produções analisadas. Contudo, foi possível observar que há um crescente de discussões, no que se refere a pensar em outras possibilidades de adequar o método de avaliar os alunos nas escolas brasileiras, principalmente as escolas do campo.

Pode-se concluir que em muitos momentos, a diversidade de inúmeros instrumentos avaliativos citados pelos autores e no material do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, que acaba gerando incertezas e fragilidades, por não conhecer de fato o que esses instrumentos podem contribuir na melhor forma de avaliar, ou seja, uma avaliação justa que mostrará as possíveis fragilidades

e dificuldades. Desse modo, o docente poderá tomar as devidas intervenções que ajudará no desenvolvimento do educando.

Muitos docentes desconhecem os elementos que concretizam o bom ato de avaliar e acabam usando as atividades avaliativas como método eficaz capaz de substituir todos os diversos instrumentos disponíveis para acompanhar o desenvolvimento pleno do educando. Com isso acabam recorrendo ao método e instrumento mais usado, durante séculos, que tradicionalmente é conhecida como provas e exames.

Entretanto, é evidente que as tarefas escritas como as provas, testes e atividades avaliativas, desde que bem elaboradas e usadas pelos docentes, como instrumentos de diagnóstico, de mediação e não de castigo, são importantes para a avaliação da aprendizagem, ou seja, precisa ser contextualizadas, para que o educando possa aplicar o que aprendeu em situações novas ou tornando um recurso para suprir as dificuldades encontradas na sala de aula. O educando deve ser instigado a buscar os seus erros, procurando saber com honestidade porque errou e buscar soluções de correção, juntamente com o educador.

As discussões em torno da avaliação da aprendizagem na escola pública ainda estão em curso e são definitivamente necessárias. Algumas considerações foram apresentadas sobre essa temática e espera-se que esse trabalho venha a colaborar para que ela não fique despercebida dentro da escola e possa suscitar novos estudos e pesquisas capazes de gerar as reflexões necessárias para a definição dessa problemática que é considerada bastante complexa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo no ciclo de alfabetização: perspectiva uma educação do campo: educação do campo: unidade 01**/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio a Gestão Educacional – Brasília: MEC, SEB, 2012.

Educação não transforma o mundo, educação muda pessoas<www.qtpquatroPontes.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/27/2104/52/.../PP2011.pdf>. Acesso: 18 abr. 2018.

GAMBOA, Silvio Sánches. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2012.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista** / Jussara Hoffmann – Porto Alegre: Mediação, 2000, 28º ed. Revista.

_____. **Avaliação – mito e desafio**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

_____. **Pontos e contra pontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto alegre: Mediação, 1998.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto alegre: Mediação, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre, Artmed, 1998.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SANTOS, Monalize Rigon da; VARELA, Simone. **A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental** - Revista eletrônica de educação, 2007 - unifil.br

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: Caminhos e descaminhos. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004. São Paulo: Artmed Editora. Acesso em: 17 de out. 2018

TEIXEIRA, Fátima E da C. (Org) **Aprendendo a Aprender.** Brasília: UniCEUB, 2003

VASCONCELLOS, Celso dos Santos, 1956 - . **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** 16ª ed./Celso dos S. Vasconcellos. São Paulo: Libertad 2006.(Cadernos pedagógicos do Libertad; v.3)

VILLAS BOAS, B. M. de F. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.** 5. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE

Eu, _____, estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado: **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: MÉTODOS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS PELOS DOCENTES NO 1º CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NA E. M. E. I. F. GLEBA PERNAMBUCO EM INHANGAPI-PA**, cujos objetivos e justificativas são: Analisar os métodos e instrumentos que os professores da Escola Mun. Ens. Inf. e Fund. Gleba Pernambuco utilizam para realizar a avaliação da aprendizagem dos alunos do 1º ciclo de alfabetização, de modo a possibilitará aos futuros pedagogos conhecimentos capazes de contribuir para o repensar do processo de avaliação da aprendizagem, especificamente dos procedimentos metodológicos e critérios utilizados. Além disso, a pesquisa contribuirá de maneira significativa para a sociedade, pois facilitará aos docentes e futuros pedagogos do município de Inhangapi e, principalmente, à Escola em questão, a construção de uma nova visão do processo de avaliação da aprendizagem.

A minha participação no referido estudo será por meio de uma entrevista, a qual será gravada, transcrita e utilizada digitalmente no trabalho escrito do referido pesquisador, por meio da qual me manifestarei sobre os métodos e técnicas de avaliação da aprendizagem utilizada por mim no processo de ensino aprendizagem dos alunos do 1º ciclo de alfabetização, com os quais trabalho.

Fui alertado (a) de que, da pesquisa a se realizar, os únicos benefícios que posso esperar será por meio dos conhecimentos sistematizados pelo pesquisador a cerca do tema discutido, além de uma contribuição para a escola da qual faço parte, em termos de socialização do conhecimento produzido.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos e negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantida em sigilo no trabalho escrito e em sua apresentação pública.

Também fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à minha pessoa. Foi-me esclarecido, igualmente, que eu posso optar por métodos alternativos de participação como responder a questionários.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Sandro Raimundo Belém de Albuquerque, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, e com ele poderei manter contato pelos telefones: (91) 98856-6190/98510-2778.

Esclareço ainda que me foi garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o fone: 91-985102778/ 91-33114613 ou mandar um *email* para sandro_raimundo@yahoo.com.br.

Castanhal, ____ de _____ de 2018.

Entrevistado (a)

Sandro Raimundo Belém de Albuquerque – Pesquisador

APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DO CICLO ALFABETIZADOR.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
 FACULDADE DE PEDAGOGIA
 PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
 - PARFOR

TÍTULO DA PESQUISA: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Métodos e instrumentos utilizados pelos docentes no 1º ciclo de alfabetização na E. M. E. I. F. Gleba Pernambuco em Inhangapi - PA.

PESQUISADOR: Sandro Raimundo Belém de Albuquerque

ORIENTADOR: Marcos Lobo de Azevedo

Roteiro de Entrevista

Dados de identificação do entrevistado (a):

Nome _____ idade: _____

Endereço _____

Formação escolar _____

Tempo de trabalho _____

1. O que você entende por avaliação da aprendizagem?
2. Que métodos e instrumentos de avaliação da aprendizagem você utiliza para avaliar os alunos do primeiro ciclo de alfabetização?
3. Como você realiza a avaliação da aprendizagem dos alunos?
4. Você considera os métodos e instrumentos de avaliação da aprendizagem adequados para o primeiro ciclo de alfabetização? Por quê?
5. Qual sua maior dificuldade quando o assunto é avaliar?